

Nunca esquecer Baudrillard

Juremir Machado da Silva

**Coordenador do Programa de Pós-Graduação
em Comunicação da PUCRS**

Crime perfeito? Crime mais-que-perfeito? Crime imperfeito? O que significa a morte de Jean Baudrillard? Há muito que Jean era duplamente imortal: nas idéias, sempre mais inteligentemente radicais, e no coração dos seus amigos, sempre mais seduzidos. Jean Baudrillard, de quem fui admirador e amigo, o que poderia ser demonstrado (se a demonstração fosse possível e importante na sua maneira de ver o mundo) pelo número de taças de vinho e de copos de caipirinha que bebemos juntos, foi antes de tudo um mestre da palavra. Durante alguns anos, ocupamos dois extremos da Rive Gauche, em Paris, e aproveitamos para nos encontrar no meio do caminho, onde ele me ensinava, em diferentes cafés, a arte do paradoxo e da ironia, enquanto eu lhe contava dos meus delírios de ficção. Certa vez, eu lhe falei das minhas polêmicas no jornalismo brasileiro, que me custaram empregos e me valeram muitos inimigos. Jean, com seu imenso carinho, que se exprimia suavemente, deu-me uma sugestão especial: "Transversal, é preciso ser transversal...".

Nunca esqueci. Eu o encontrei pela primeira vez, no seu apartamento, à época em que ele publicara um artigo no

jornal Libération intitulado "A guerra do Golfo não acontecerá". Depois, quando a guerra eclodiu, voltei para confrontá-lo com a "realidade". Jean Baudrillard foi quase paternal com a minha falta de tato ou simplesmente com a minha ignorância: "Mas, caro amigo, a guerra não aconteceu...". Os jornalistas riam. Baudrillard sorria. Essa era a sua força. O sorriso do Jean era uma lição de estilo e um tratado filosófico. Os jornais do mundo inteiro anunciaram a sua morte com referência ao filme Matrix. Baudrillard teria sorrido outra vez. "Morreu o homem que inspirou Matrix." Quanta bobagem! Matrix é uma vírgula na imensa história intelectual do autor de Simulacros e simulações, O Crime Perfeito, Tela total, A transparência do mal, Esquecer Foucault e tantas outras obras essenciais.

Baudrillard amava o Brasil e sempre me falava com carinho de alguns intelectuais brasileiros, entre os quais André Parente, Kátia Maciel, Raquel Paiva e Muniz Sodré. Via em Muniz um pensador sensível, erudito e criativo. Eu me deliciava com essas palavras, pois é exatamente assim que vejo Muniz. Para mim, se me permitem a confissão, Muniz Sodré é o maior intelectual brasileiro no domínio da comunicação. Ele é aquele que consegue, ao mesmo tempo, ser crítico e generoso, implacável e cheio de orgulho, exigente e apaixonado. Nesta homenagem a Jean, proposta por Denize Araújo, leitora e admiradora de Baudrillard, Muniz e Raquel Paiva assinam um texto denso, elegante, profundo, belo e

justo a respeito de um homem que conheceram, admiraram e souberam entender perfeitamente. Imperdível.

Durante muitos anos, conversei sobre Jean Baudrillard com um amigo, Francisco Menezes Martins. Eram conversas longas e informais. Conversas de bar. No bar da Famecos. Excelente leitor de Nietzsche, Menezes compreendia a ironia de Baudrillard como um músico solando o seu instrumento. Aprendi muito sobre a filosofia de Baudrillard tentando explicá-la a quem a entendia desde sempre. A sensibilidade de Francisco Menezes Martins para a obra de Baudrillard aparece no texto preciso que integra este dossiê. O mesmo ocorre com o ensaio detalhado e exato de Eugênio Trivinho, um exegeta do melhor calibre e da mais fina capacidade interpretativa do pensamento baudrillardiano. Como não posso esquecer Jean, ainda não estou em condições de pensar na obra sem o homem. Jean Baudrillard para mim é a prova de que o autor não morreu. No seu caso, nem a obra. Um existe para fazer viver o outro. É a vingança do homem contra a estrutura. Com a morte de Jean Baudrillard podemos ter a certeza de que o homem nunca morreu. O sujeito vive!

Eu sou um tipo ordinariamente sentimental. Não posso negar que me comovi quando, na defesa da minha tese de doutorado, na majestosa sala Louis Liard, na Sorbonne, diante de uma banca formada por Michel Maffesoli, Edgar Morin e Jean Duvignaud, vi, na platéia, Jean Baudrillard. Ele sorria. Talvez se lembrasse da defesa, na mesma sala, da sua hoje célebre e desconcertante habilitação. Neste país do

futebol, não posso deixar de dizer que Jean fez mais de mil gols. Ele fez da qualidade do texto uma nova arte do pensamento. Depois de uma quinta caipirinha, sob as árvores, em Porto Alegre, ele me deu uma segunda dica inesquecível: “Não há texto sedutor sem mistério...”.